

INTEGRAÇÃO REGIONAL E DINAMISMO SETORIAL NA ECONOMIA DA REPÚBLICA DE ANGOLA

Regional Integration and Industry Dynamics in the Economy of the Republic of Angola

Integración y la Industria de la Dinámica Regionales en la Economía de la República de Angola

RESUMO

O artigo fez uma análise da economia de Angola visando identificar os setores e mesorregiões quanto ao dinamismo e integração regional, respectivamente. Aplicou-se o modelo *shift-share* entre os anos de 2003 e 2007, para verificar as influências do crescimento nacional, da estrutura produtiva e de atributos regionais, em cada setor e mesorregião. Observou-se a hegemonia nacional, especialmente, de duas regiões litorâneas, a falta de dinamismo estrutural nos setores e mesorregiões, e a existência de dinamismos endógenos em algumas regiões. Interpretou-se que o atual estágio da economia angolana pauta-se por um dinamismo concentrado em Luanda e Benguela e pela frágil integração regional.

Palavras-Chave: Setores. Mesorregião. Integração.

ABSTRACT

The article made an analysis of Angola's economy to identify sectors and meso on the dynamism and regional integration, respectively. We applied the shift-share model between the years 2003 and 2007 to verify the influences of national growth, productive structure and regional attributes in each sector and meso. There was a national hegemony, especially from two coastal meso, the lack of structural dynamics in meso and sectors and endogenous dynamics in some meso. It was interpreted that the current stage of the Angolan economy is guided by a concentrated dynamism in Luanda and Benguela and the fragile regional integration.

Key-Words: Sector. Mes. Integration.

RESUMEN

El artículo hace un análisis de la economía de Angola para identificar sectores y meso en el dinamismo y la integración regional, respectivamente. Se aplicó el modelo *shift-share* entre los años 2003 y 2007 para verificar las influencias del crecimiento nacional, la estructura productiva y atributos regionales en cada sector y meso. Había una hegemonía nacional, sobre todo de dos meso costera, la falta de dinámica estructural en meso y sectores y dinámica endógena de alguna meso. Se interpretó que la etapa actual de la economía de Angola se rige por una dinámica concentrada en Luanda y Benguela y la integración regional frágil.

Palabras clave: Sectore. Meso. Integración.

Livio Andrade Wanderley

Doutor em Administração de Empresas pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP/FGV). Professor do Departamento de Teoria Econômica e do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

E-mail livio@ufba.br

Artigo recebido em: 28/01/2014

Artigo publicado em: 18/12/2014

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia UFES
Agosto-Dezembro, 2014
ISSN 2175 -3709

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da África é factível delimitar quatro grandes fases: uma se refere a das sociedades autóctones e estáveis; outra, de sua fase colonizada pelos europeus, especialmente, pela Inglaterra, França, Espanha, Portugal e outros países; uma terceira fase que se iniciou com os movimentos de descolonização e independência dos países africanos após a II Guerra Mundial do século XX; e mais recentemente a fase de países autônomos e independentes.

A história recente de Angola registrou aproximadamente 40 anos de guerras, incluindo os períodos de luta pela independência de Portugal (1961 a 1974) e os anos de Guerra Civil (1975 a 2002). Com o término desse período em 2002, Angola iniciou uma nova fase com grandes desafios para a reconstrução de suas instituições, de sua economia e da rearrumação de sua composição social. A questão regional do desenvolvimento em Angola não tem sido priorizada com a devida propriedade pelas estratégias de intervenção econômica, dado que se adota um modelo centralizado em torno do litoral, especialmente, em Luana, Benguela, Kwanza Sul, Cabinda e Namibe. Além disso, por decisões do Governo Central em conceber ações econômicas dando relevância para as políticas de estabilidade e crescimento macroeconômico, as expensas de medidas de intervenção regional que busquem uma redução dos desequilíbrios entre o litoral e o interior.

Com relação à economia de Angola, o propósito do artigo é o de fazer uma avaliação no âmbito do desenvolvimento regional em termos de grandes regiões (mesorregiões) e de alguns setores de atividades econômicas. Diante de restrições para a obtenção de estatísticas por províncias de Angola, este artigo tem como ponto de partida e fonte de dados, a pesquisa desenvolvida por Manuel José Alves da Rocha intitulada “Desigualdades e assimetrias regionais em Angola – os factores de competitividade territorial”. As cinco mesorregiões do referido estudo foram delimitadas como de Luanda/Bengo, Norte, Centro/Leste, Centro/Oeste e Sul, e os sete setores econômicos foram classificados como, Agricultura e Pesca, Indústria Extrativa, Indústria de Transformação, Energia e Água, Construção, Serviços Mercantis e Outras Atividades.

Segundo o autor, os critérios para tal regionalização do País envolveu a homogeneidade de recursos naturais, a contiguidade geográfica, a interação entre etnias, e a agregação de províncias produtoras de petróleo e diamantes, os dois principais recursos naturais do país em termos de produção e geração de rendimento e divisas. Dessa forma, o autor agregou as seguintes províncias por mesorregião: Luanda/Bengo, com a província do mesmo nome; Região Norte, com as províncias de Cabinda, Zaire, Uíge e Kwanza Norte; Região Centro/Leste, com as províncias de Malanje, Lunda Norte, Lunda Sul, Moxico e Kuando Kubango; Região Centro/Oeste, com as províncias de Kwanza Sul, Bié, Huambo, Benguela e Namibe; e Região Sul, com as províncias de Huíla e Cunene.

Diante da restrição quanto à fonte de dados, faz-se uma análise limitada no tempo, pois os dados dos setores por mesorregiões obtido no trabalho em epígrafe são de 2003, 2006 e 2007. Não obstante, creio ser útil esse artigo como ponto de partida para a confecção de uma futura pesquisa em que se possam obter esses dados mais atuais e de forma mais desagregada entre os setores e as regiões, especialmente por províncias de Angola.

O propósito técnico desse estudo é o de levantar diagnósticos de potenciais dinamismos entre setores de atividades e mesorregiões de Angola, no sentido de identificar indícios provocados por aspectos de natureza estrutural, configurado na composição setorial de cada região, e/ou por razões de natureza regional, gerado por aspectos intrínsecos de determinado setor e mesorregião e/ou por medidas de estímulos econômicos para o desenvolvimento setorial de uma dada região. Para se atingir este objetivo, faz-se a aplicação do modelo *shift and share analysis* em sua versão de Stilwell (1969) que possibilita avaliar se, em uma análise de estática comparada, registra-se mudança na estrutura de produção da mesorregião, bem como apreender o grau de intensidade em que o desempenho da economia do País e de fatores focados na mesorregião pode influenciar o crescimento de cada setor e mesorregião. Dessa forma, três aspectos são relevantes para nortear as análises de diagnósticos: o crescimento do PIB de Angola, as estruturas de produção das mesorregiões, e os fatores endógenos de cada mesorregião.

Com base nesses aspectos é possível avaliar o processo de desenvolvimento

da economia angolana no que se refere: 1) a questão do dinamismo de atividades setoriais no âmbito das cinco mesorregiões adotadas neste estudo; 2) a questão da integração regional, segundo a delimitação geográfica do País em mesorregiões e tipos de integração. Nesse contexto, buscam-se indicativos em relação a existência de integração em termos de regiões autônoma, solidária ou solitária,¹ bem como sobre as razões dos dinamismos de atividades setoriais no interior das mesorregiões.

Além dessa introdução o artigo se compõe de mais quatro seções. A seção 2 mostra um breve panorama da economia de Angola focando os setores e as mesorregiões. A seção 3 apresenta a literatura e a metodologia empregada do modelo shift-share. Na seção 4, faz-se a análise dos resultados da decomposição da taxa de crescimento do PIB em três componentes conforme a metodologia apresentada. E na seção 5, finaliza-se com as conclusões do artigo.

Panorama Econômico Regional e Setorial de Angola

Com base em indicadores macroeconômicos podemos avaliar o perfil da economia angolana. É relevante verificar a evolução ao longo dos anos de variáveis, a exemplo, da balança comercial, das reservas internacionais e do comportamento do PIB. A seguir, temos os gráficos retirados do site <http://www.angola.or.jp>, que viabiliza um breve panorama macroeconômico do País.

Através do Gráfico 1, verifica-se que no período de 2003 a 2007 têm-se crescentes saldos na balança comercial de Angola, saindo de um nível de US\$ 4.030 milhões em 2003 para o nível de US\$ 27.080 milhões, correspondendo um crescimento médio anual de 65%, que propicia fortes aflusos de divisas tão necessárias para o dinamismo da economia angolana.

Com relação aos estoques de reservas cambiais, observa-se no Gráfico 2, aumentos contínuos no período de 2007 a 2012. Com um crescimento médio anual de 10%, dado que as reservas em 2007 tinha um estoque de US\$ 8,90 milhões e é acrescida para um estoque de US\$ 15,64 milhões em 2012.

De acordo com Rocha (2010, p. 20)

GRÁFICO 1 - Saldos da Balança Comercial em US\$ Milhões



Fonte: ANGOLA, 2013

GRÁFICO 2 - Valores dos Estoques de Reservas Internacionais em US\$ Milhões



Fonte: ANGOLA, 2013

praticamente não houve crescimento econômico até o ano de 2000, pois com base nas informações da *African Development Indicators* de 2002, "a taxa média de crescimento do PIB, a preços de 1995, entre 1990 e 2000 não foi além de 0,7%". Devendo-se como um dos motivos desse baixo desempenho, a Guerra Civil. Um panorama macroeconômico da evolução da atividade econômica de Angola nos anos de 2000 em que se deu o processo de reconstrução da economia mostra um crescente e significativo aumento do PIB passando do nível de US\$ 14,00 bilhões em 2003 para US\$ 63,70 bilhões em 2007 e de US\$

1-As características dessas formas de integração se pautam pela intra-regionalidade (autonomia da região), inter-regionalidade (solidariedade entre regiões) e integração competitiva (regiões fragmentadas e solitárias).

GEOGRAFARES

Revista do Programa de Pós Graduação em Geografia UFES
Agosto-Dezembro, 2014
ISSN 2175 -3709

GRÁFICO 4 - Crescimento do PIB de Angola em Bilhões de Dólares em US\$ Bilhões



Fonte: ANGOLA, 2013

108,50 bilhões em 2012.

Angola se apresenta com um grande potencial econômico para se desenvolver, pois conta com grandes disponibilidades de recursos naturais, a exemplo, das reservas de petróleo, gás natural e diamante. Conta também com vasta área costeira e rios para as atividades do pescado industrial, semi-industrial e artesanal, grandes áreas de solo férteis e clima favorável ao cultivo de uma gama de culturas agrícolas tropicais, tais como: açúcar, algodão, borracha, café, milho, sisal, amendoim, batata-doce, rena, feijão, mandioca, horticultura, fruticultura, etc. Além disso, contém elevados cursos de rios que possibilita fazer irrigações e construir hidrelétricas, detendo ainda um grande número de florestas tropicais e pastos para a pecuária, além de ambientes naturais favoráveis à exploração de turismo. No setor da indústria que fora fortemente afetado pela guerra, registram-se algumas atividades industriais concentradas basicamente nos setores de alimentação, bebidas, minerais não metálicos, do cimento, do tabaco e dos têxteis.

Em relação ao setor petrolífero e de exploração de diamantes enfatiza-se para a sua importância como forma de geração de divisas. O petróleo se distribui basicamente através de três bacias sedimentares costeiras, Cabina, Kwanza e Namibe, situadas no Atlântico. Há ainda a possibilidade de criação do polo do Lobito em Benguela com uma refinaria de petróleo,

inserindo Angola nos níveis de produção da Nigéria e dos emirados Árabes Unidos. Há fortes perspectivas de extração de gás natural em Cabina e no Soyo e a construção de uma fábrica petroquímica, para a conversão do gás natural em diesel e outros derivados e para a liquefação do gás para exportação. O diamante e outros metais preciosos operam sob uma nova legislação que inclui o certificado de origem legal, regulando toda compra e venda de diamantes envolvendo joint venture com investidores estrangeiros, tendo filiais instaladas na América, Ásia, Médio Oriente e Europa. As províncias - Bengo, Benguela, Bie, Cabinda, Kuando-Kubango, Kwanza-Norte e Kwanza-Sul, Huambo, Huila, Lundas, Malange, Moxico, Namibe e Zaire -, têm um forte potencial mineiro incluindo, jazigos de minérios metálicos (ouro, bauxite, cobre, cromo, manganês, molibdênio, zinco, urânio, etc.) e não metálicos, diamantes, enxofre, feldspato, mica, potássio, quartzo, etc., pedras ornamentais (granito, mármore, etc.), além de materiais de construção (asfalto, calcário, caulino, gesso, etc.).

Enfatiza-se para a disponibilidade de recurso distribuído em distintos setores de atividades, configurando-se as vocações econômicas regionais de Angola. Como é do conhecimento geral, Angola dispõe de inúmeros recursos em diferentes setores de atividades, destacando-se os agrícolas – em que estão incluídos a pecuária e de recursos florestais – além da

QUADRO 1 - As Potencialidades Econômicas das Regiões de Desenvolvimento

EIXOS E ZONAS DE DESENVOLVIMENTO	PROVÍNCIAS	RECURSOS NATURAIS
LUANDA/BENGO	Luanda e Bengo	Indústria transformadora, refinaria, comércio, mandioca, banana, hortícolas, algodão, citrinos.
NORTE	Cabinda, Zaire, Uíge e Kwanza Norte	Petróleo, madeira, milho, massangano, massambala, mandioca, batata, feijão, café, amendoim, pesca, madeira, fosfatos.
CENTRO/LESTE	Malanje, Lunda Norte, Lunda Sul, Moxico e Kwando Kubango	Diamantes, algodão, oleaginosas, mandioca, batata doce e rena, feijão, amendoim, alguns citrinos, madeira, bonicultura, hidroeletricidade de grande/pequena/média dimensão, ferro, manganês.
CENTRO/OESTE	Kwanza Sul, Bié, Huambo, Benguela e Namibe	Café, madeira, ferro, manganês, granito e mármore, algodão, soja, palmeira de dendém, mandioca, girassol, batata, amendoim, feijão, hortícolas, banana, cana-de-açúcar, citrina, bonicultura, madeira, ananás, manga.
SUL	Huíla e Cunene	Milho, massango, massambala, soja, batata, feijão, palmeira de dendém, café, algodão, cana-de-açúcar, citrinos, pecuária de grande porte, pescas, banana, manga, hortícolas, ananás, amendoim, girassol, urânio, granito negro, mármore, hidroeletricidade de médio porte.

Fonte: Ministério do Planeamento apud Rocha (2010, p. 32).

pesca e os minerais. O Quadro 1 mostra as zonas e eixos de desenvolvimento com as potencialidades econômicas das províncias que os integram.

Diante de uma similaridade em relação às atividades do setor agrícola em todos os eixos e zonas de desenvolvimento, ressaltam-se as potencialidades regionais no que tange aos demais recursos, tais como, recursos hídricos, minerais, logística de transportes, além de recursos humanos, infraestrutura e interesses estratégicos do investimento direto externo. Dessa forma, a maior ou menor capacidade de desenvolvimento de cada uma dessas mesorregiões dependerá, futuramente, dos níveis de gerenciamento de suas habilidades a serem desempenhada entre as suas províncias.

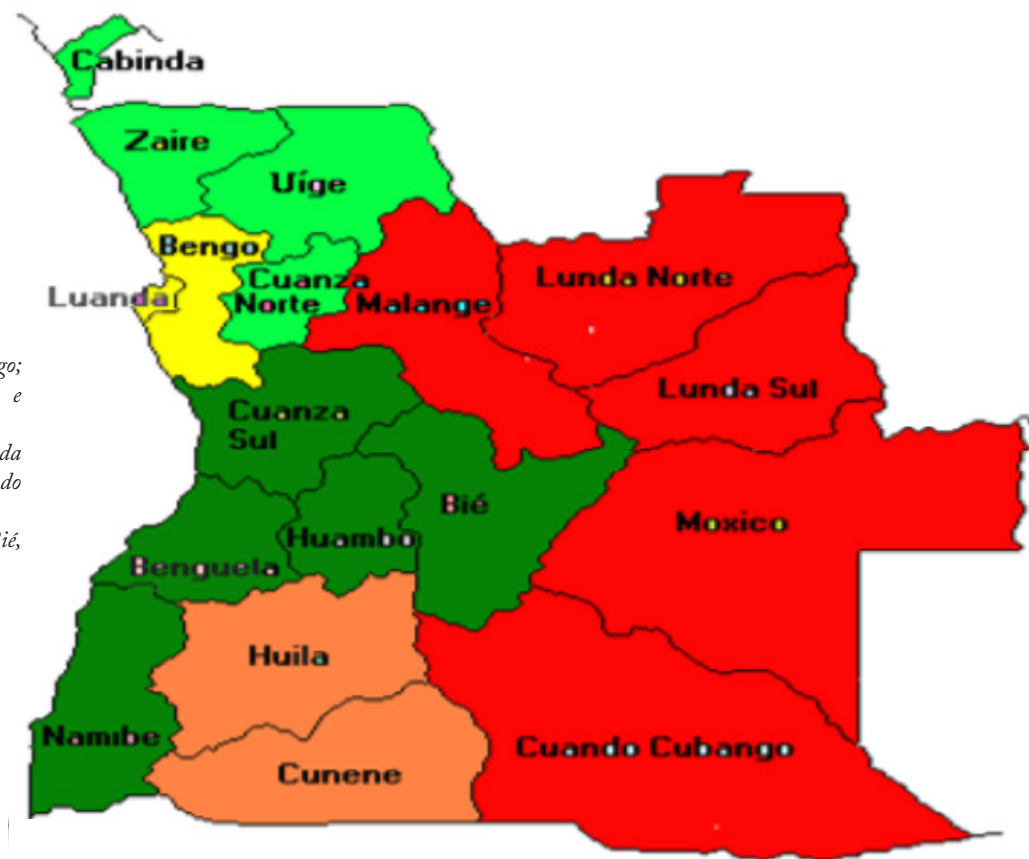
Verifica-se a atenção atual para a reabilitação das infraestruturas, particularmente energéticas e de circulação rodoviária, ferroviária e fluvial. Como forma de dinamizar o setor energético, políticas de Governo têm estimulado a participação do setor privado na produção e distribuição de energia, tendo as parcerias com empresas do Brasil e da Rússia para a construção da Barragem de Capanda que forma um complexo de nove barragens. A central hidroelétrica de Cambambe gera um excedente de energia com possibilidades de exportação para outros países

africanos. No entanto, há deficiências em relação ao setor distribuidor para determinadas áreas, a exemplo de zonas rurais.

Nos setores de transporte e logística, o Governo tomou a iniciativa de elaborar uma Estratégia Nacional dos Transportes em Angola para o período de 2000 a 2015, comportando-se a construção de uma rede de transporte que integre o país e que também possa se integrar aos países da *Southern African Development Community* (SADC), bem como criando as parcerias público-privado. Esta iniciativa envolve a modernização desse sistema através de logísticas com a extensão de terminais portuários e definições de normas de regulamentações e instituições mais ágeis. Como parte da logística têm-se as políticas de comunicação através dos sistemas de Correios, que através do novo Regulamento do Exercício da Atividade Postal a partir de 2002, o sistema deixou de ser monopólio público e abriu-se para a concorrência. Adita-se ainda, o sector das telecomunicações que implementou medidas visando a sua expansão e modernização, com a implantação do sistema digital e de telefonia móvel em áreas urbanas e periféricas de Luanda e em algumas províncias.

A delimitação regional definida por Rocha (2010, p. 28) registra os eixos e zonas de desenvolvimento em mesorre-

FIGURA 1 - Regionalização de Mesorregiões de Angola



LUANDA/BENGO: Luanda e Bengo;
NORTE: Cabinda, Zaire, Uíge e
Kwanza Norte;
CENTRO/LESTE: Malanje, Lunda
Norte, Lunda Sul, Moxico e Kwando
Kubango;
CENTRO/OESTE: Kwanza Sul, Bié,
Huambo, Benguela e Namibe;
SUL: Huila e Cunene.

Fonte: Rocha (2010, p. 28)

giões tal que têm as suas participações geográficas na área total de Angola da seguinte forma: Luanda/Bengo é a grande metrópole angolana, polarizando todo o território nacional, contudo, representa apenas 2,8%; a região Norte, ao considerar as províncias de Cabinda e do Zaire, que explora uma das bacias sedimentares de petróleo, ocupa 10,4% do território; a região Centro/Leste com uma participação de 53,6% produz diamantes e energia elétrica, sendo a região de maior extensão territorial; o Centro/Oeste pode ser considerado como a grande reserva agrária e de pescas, participa com 20,1% da área geográfica de Angola; e a região Sul, composta apenas por duas províncias com capacidades de produção de alguns alimentos e de minérios não metálicos, registra uma participação de 13,1%. A Figura 1 apresenta o mapa de Angola e as delimitações das mesorregiões em estudo neste artigo.

A composição relativa de unidades de produção distribuídas por setores de atividades e mesorregiões, tem segundo Rocha (2010, p. 42-47), o número de empresas e estabelecimentos distribuídas no âmbito

das amplitudes: vertical ou setorial, que trata da participação de cada setor de atividade no total dos setores de cada mesorregião; e horizontal ou regional, que identifica a participação de cada setor de atividade no total de todas as mesorregiões.

Verifica-se com base no Quadro 2 e para ambos os anos, 2003 e 2007, os destaques quanto ao número de empresas vinculados aos setores de atividades de “Transformação” e de “Serviços Mercantis” em todas as mesorregiões e de “Agricultura e Pesca” concentrada nas mesorregiões do Centro/Leste e principalmente no Centro/Oeste. Em relação ao setor de transformação enfatiza-se que “as verdadeiras fábricas de transformação industrial estão concentradas no eixo do litoral Luanda/Kwanza e Sul/Benguela, sendo as do interior de transformação rudimentar e mesmo primárias” (ROCHA, 2010, p.43). Este referido autor também afirma que há uma equivalência na distribuição das empresas no que tange aos serviços mercantis - comércio, reparação de veículos, hotelaria e restauração, transportes, armazenagem e comunicações, atividades financeiras e imobiliárias, serviços de educação e saúde

QUADRO 2 - Estrutura Empresarial Regional Vertical

SETORES DE ATIVIDADES	LUANDA/BENGO		NORTE		CENTRO/LESTE		CENTRO/OESTE		SUL	
	%		%		%		%		%	
	2003	2007	2003	2007	2003	2007	2003	2007	2003	2007
Agricultura e Pesca	1,19	1,59	2,83	3,81	4,16	5,69	14,40	13,36	3,30	3,61
Extrativa	0,36	0,72	0,18	0,18	0,08	0,00	0,21	0,20	0,15	0,00
Transformadora	9,61	8,17	17,06	14,27	9,02	7,69	12,23	10,62	14,11	12,79
Energia e Água	0,37	0,34	0,00	0,00	0,00	0,00	0,08	0,08	0,08	0,00
Construção	1,79	3,48	2,18	2,23	0,39	0,82	1,34	2,64	1,61	2,96
Serviços mercantis	81,22	80,90	73,85	75,98	84,27	83,85	69,90	71,32	78,76	78,57
Outras atividades	5,45	4,79	3,90	3,57	2,08	1,95	1,84	1,78	1,99	2,07
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Rocha (2010, p. 43).

QUADRO 3 - Estrutura Empresarial Regional Horizontal

SETORES DE ATIVIDADES	LUANDA/BENGO		NORTE		CENTRO/LESTE		CENTRO/OESTE		SUL		TOTAL	
	%		%		%		%		%		%	
	2003	2007	2003	2007	2003	2007	2003	2007	2003	2007	2003	2007
Agricultura Pesca	15,0	18,8	5,8	7,1	6,5	9,9	67,4	59,6	5,2	4,6	100	100
Extrativa	73,1	87,5	5,8	3,5	1,9	0,0	15,4	9,0	3,8	0,0	100	100
Transformadora	48,5	48,2	14,0	13,2	5,7	6,7	22,9	23,7	8,9	8,1	100	100
Energia e Água	90,7	92,0	0,0	0,0	0,0	0,0	7,0	8,0	2,3	0,0	100	100
Construção	61,9	66,1	12,3	6,6	1,7	2,3	17,2	18,9	7,0	6,1	100	100
Serviços mercantis	58,3	57,5	8,6	8,5	7,5	8,8	18,6	19,2	7,1	6,0	100	100
Outras atividades	75,0	73,4	8,7	8,5	3,6	4,4	9,4	10,3	3,4	6,0	100	100
TOTAL	56,1	55,9	9,1	8,8	7,0	8,2	20,8	21,1	7,0	6,0	100	100

Fonte: Rocha (2010, p. 44).

privados -, contudo, o setor financeiro fica basicamente concentrado em Luanda. Já o setor de extração de minérios fortemente gerador de divisas tem pouca expressão em termos de números de empresas no âmbito nacional.

No tocante a amplitude horizontal da localização empresarial possibilita-se avaliar as assimetrias regionais de Angola, como apresentados no Quadro 3.

Observam-se para 2003 e 2007 fortes assimetrias entre as mesorregiões quanto à localização de empresas, pois em Luanda/Bengo, concentram-se no total dos setores em torno de 55% seguido da mesorregião do Centro/Oeste que apresenta uma representatividade de 20,5%. As demais regiões ficam com participações, em termos de todos os setores de atividades, abaixo de 10%. Registra-se então, o efetivo desempenho da economia angolana nas zonas litorâneas. Em termos setoriais, têm-se, entre as sete, cinco atividades concentradas em Luanda/Bengo, - Extrativas, Energia e Água, Construção, Serviços Mercantis, e de Outras Atividades

- com participações acima de 50%, além do setor de Transformação em torno de 48%. O Centro/Oeste concentra-se apenas na atividade de Agricultura e Pesca um número de empresas com uma participação acima de 50%. Esta região sendo a segunda em números de estabelecimentos empresariais registrou para os demais setores de atividades nos dois anos, o nível mínimo de 7% em Energia e Água (2003) e máximo de 23,7% no setor de transformação em 2007.

Modelo Shift - Share Analys

A escolha desse modelo deve-se a sua capacidade de fornecer indicativos que viabiliza fazer diagnósticos sobre os desempenhos de setores de atividades e de regiões entre intervalos de tempo, segundo influências de taxas de crescimento da amplitude espacial e dos efeitos estruturais e regionais. A primeira formulação do modelo *shift-share* foi de autoria de Ed-

2- Em relação a escolha do ano base, trata-se de uma semelhança com o índice de Laspyers e não o seu cálculo.

3- Vide Haynes e Machunda (1987).

4- Significando qual o volume da produção de um setor i em uma região j teria se a estrutura da produção fosse igual a do país.

5- A aplicação da técnica neste artigo segue a versão de Stilwell (1969), que buscou torná-la mais fácil de ser interpretada. Este autor aplicou a sua formulação modificada em relação à versão de Dunn para o setor industrial das regiões do Reino Unido, e demonstrou que a política regional dos anos 1960 adotada no País surtiu efeito em assegurar uma composição industrial mais benéfica nas regiões menos desenvolvidas. Tal técnica subsidiou a adoção dessas políticas pelas autoridades governamentais.

gar Dunn em seus *papers*, Dunn (1959) e Dunn (1960). Em síntese, temos na literatura os artigos de Rosenfeld (1959) que foi o precursor do debate sobre a interdependência entre as componentes estrutural e regional, de Stilwell (1969) que inverte a base de ponderação visando captar mudanças estruturais no intervalo de análise, de Sakashita (1973) que busca dar suporte teórico através de uma função Cobb-Douglas em um modelo multirregional, de Esteban-Maquillas (1972), que introduz a variável homotética retomando a discussão de Rosenfeld, de Arcelus (1984) que desagrega a componente regional da versão de Dunn, de Haynes e Machunda (1987) que testa as propriedades de simetria e assimetria das componentes da formulação de Arcelus, de Haddad (1989) que relativiza o ritmo de crescimento de uma região quanto a amplitude espacial ocasionado por fatores estruturais ou regionais, além de *papers* mais recentes, a exemplo de, Harris *et al* (2004), de Nazara e Hewings (2004), de Fernandez e Menendez (2005), e de tantos outros.

Este modelo é bastante difundido em estudos de economia regional e o seu uso está intimamente relacionada à análise de variância. Seu objetivo é descrever o crescimento econômico de uma região em termos de sua estrutura produtiva e de seu perfil regional. Dentre as várias versões desse modelo, foi aplicada para este artigo a formulação de Stilwell (1969) que se diferencia de outras versões pela escolha do ano base ou “peso”: se o primeiro ano ou o último ano, ou ainda algum tipo de “média”, fazendo-se a opção pelo último ano. A aplicação do referido modelo consiste em identificar quais setores ou regiões crescem relativamente mais rápido em comparação com outras regiões, e se esse crescimento foi mais favorecido pelas mudanças na estrutura produtiva ou se pela própria competitividade da região.

A formulação de Dunn (1959, 1960) ancora-se em supostos para a sua aplicação: estática comparativa; referência ao ano base à luz do índice Laspyers no que tange a ponderação, assumindo que não há assimetrias importantes entre setores e regiões no ano base;² e independência entre as componentes estrutural e regional. A precisão dos resultados apoia-se na propriedade aditiva da simetria de agregação e desagregação, propriedade que consiste na igualdade dos valores totais das componentes das amplitudes

regional e setorial, com os resultados dos respectivos somatórios de cada setor e região contidos na amplitude espacial.³

Dentre as suas limitações, têm-se: 1) o problema da propriedade aditiva região-região e setor-setor; 2) a questão da interdependência entre as componentes estrutural e regional; 3) a hipótese da constância da estrutura econômica no intervalo de tempo em estudo, gerando dificuldade para identificar o impacto de mudanças na composição setorial sobre o crescimento da região.

Dado que vários estudiosos discutiram essas limitações, faz-se referência neste artigo aos seguintes autores: Arcelus (1984) que, desagregando a componente regional, introduz no modelo as influências endógenas no crescimento da região; Haynes e Machunda (1987) que testaram a validade da aditividade das componentes do modelo de Arcelus, encerrando com a polêmica dessa propriedade; Esteban-Maquillas (1972) que introduziu no modelo a chamada variável homotética,⁴ evitando a influência da componente estrutural sobre a regional, bem como incorporou o efeito alocação (especialização) que possibilita captar as (des) vantagens competitivas de uma região em relação a sua amplitude regional; e a de Stilwell (1969)⁵ que centrou sua preocupação em detectar possíveis mudanças estruturais no intervalo de tempo em análise de estática comparada.

Modelo de Stilwell

A análise *shift-share* se apoia em uma matriz de informações de uma dada variável base, que neste caso é o Produto Interno Bruto (PIB) por mesorregião/setores de atividades em US\$ Milhões, representada pela letra ‘Y’. A matriz de informações é formada em suas linhas pelos diversos setores e, nas colunas, pelas mesorregiões geográficas de Angola. A leitura dessa matriz envolve as amplitudes espacial, local, regional, e setorial que correspondem, respectivamente, ao conjunto de todos os setores e regiões (Y_{it}), de cada setor e região (Y_{ij}), do conjunto de todas as regiões por setores (Y_{it}), e do conjunto de todos os setores por regiões (Y_{tj}). A matriz de informações na qual a soma das linhas representa o total em cada mesorregião e a soma das colunas representa o total de cada setor de atividade em Angola, é apresentada a seguir através da Figura 2.

FIGURA 2 - Modelo de Matriz de Informações de Angola

Setores de atividade	Regiões (j)	S(j)
(i)	Y (ij)	SY (it)
S(i)	SY (tj)	SY (tt)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Partindo da versão de Dunn para o modelo *shift-share*, o qual apresenta três componentes de crescimento, a Componente de Crescimento Global (CCG), a Componente de Crescimento Estrutural (CCE), e a Componente de Crescimento Regional (CCR), temos:

$$CCT = CCG + CCE + CCR$$

- 1) $CCT = Y_i^0 \eta_i + Y_j^0 (\eta_i - \eta_i) + Y_j^0 (\eta_j - \eta_i)$
- 2) $CCT = \Delta Y_{ij} = Y_{ij}^0 n_{ij}$

A expressão (1) trata de uma identidade em que se obtém a Componente de Crescimento Total (CCT) através da decomposição do crescimento do Produto Interno Bruto (Yij), segundo as componentes: global, estrutural e regional. A expressão (2) se refere à CCT em termos de variação do PIB por setor e região (ΔY_{ij}), correspondendo o seu efetivo crescimento no intervalo de tempo em estudo ($Y_{ij}^0 b_{ij}$).

A Componente de Crescimento Total (CCT) é o resultado do desempenho das três componentes e representa a composição da variação do crescimento no período de cada setor e região. A Componente de Crescimento Global (CCG) é igual ao acréscimo do PIB de cada setor e região que teria ocorrido se a região crescesse à taxa de crescimento da PIB nacional. A Componente de Crescimento Estrutural (CCE) representa o montante adicional do PIB que a região poderá obter como resultante de sua composição setorial. Esta variação será positiva (negativa), se a região tiver se especializado em setores que apresentam altas (baixas) taxas de crescimento relativo ao crescimento nacional. A Componente de Crescimento Regional (CCR) indica o montante posi-

tivo (ou negativo) do PIB que a região conseguirá em razão da taxa de crescimento do PIB em determinados setores ser maior (ou menor) nesta região em relação à média nacional.

Na versão descrita na equação (1), Y^0 corresponde a variável base que neste caso é o Produto Interno Bruto (Y); i representa os setores de atividades; j representa as regiões; 0 (zero) corresponde ao período base; 1 (um) corresponde ao período corrente;

$$\eta_i = (Y_i^1 / Y_i^0) - 1$$

, calcula a taxa de crescimento do PIB na amplitude espacial (Angola), ponderado pelo ano base;

$$\eta_i = (Y_i^1 / Y_i^0) - 1$$

, calcula a taxa de crescimento do PIB no setor de atividade i na amplitude regional (conjuntos das regiões), ponderado pelo ano base;

$$\eta_i = (Y_i^1 / Y_i^0) - 1$$

, calcula a taxa de crescimento do valor do PIB no setor i da região j (amplitude local), ponderado pelo ano base.

A aplicação desse modelo para as mesorregiões de Angola visa identificar as forças que explicam o crescimento regional desigual. De acordo com Haddad (1989), os fatores responsáveis por diferentes taxas de crescimento setorial em comparação ao nível nacional são: variações na estrutura da demanda, variações de produtividade, inovações tecnológicas, etc. O referido autor cita também que as principais forças que atuam no sentido de provocar este crescimento são quase sempre de natureza locacional, tais como: variações nos custos de transporte, estímulos fiscais específicos para determinadas áreas, diferenciais nos preços relativos de insumo

6- Idem nota de rodapé n. 2, para o índice Paascher.

entre regiões, etc.

Stilwell já havia apontado que o modelo descrito na equação (1) de Dunn apresentava como uma limitação, o fato de não considerar as mudanças estruturais na composição setorial das regiões durante o período observado. Uma região especializada em setores menos dinâmicos no período inicial, pode ter modificado a sua estrutura, de forma que no período final a sua composição setorial já tenha uma predominância relativamente maior de setores dinâmicos. A formulação de Stilwell, descrita na equação (6), objetivou corrigir esta limitação da expressão de Dunn.

Na formulação (6) é introduzida uma taxa de crescimento revertida, onde se utiliza como referência base, o ano corrente de forma similar ao índice Paascher.⁶ Introduzindo-se uma Componente de Crescimento Estrutural Revertida (CCER) descrita na expressão (3), pode-se observar o que ocorre quando se toma como referência o Produto Interno Bruto do período corrente.

$$(3) \quad CCER = Y_{ij}^1 (\lambda_{it} - \lambda_{it}^0)$$

A partir da expressão (1) do modelo de Dunn, fazem-se as substituições de suas componentes estrutural e regional pelas expressões (4) e (5), a seguir:

$$CCEM = CCER - CCE$$

$$(4) \quad CCEM = Y_{ij}^1 (\lambda_{it} - \lambda_{it}^0) - Y_{ij}^0 (b_{it} - b_{it}^0)$$

$$CCRR = CCR - CCEM$$

$$(5) \quad CCRR = Y_{ij}^0 (b_{ij} - b_{it}^0) - [Y_{ij}^1 (\lambda_{it} - \lambda_{it}^0) - Y_{ij}^0 (b_{it} - b_{it}^0)].$$

Mantendo a Componente de Crescimento Global ($CCG = Y_{ij}^0 h_{it}$) e obtida as componentes do modelo de Stilwell - estrutural modificada e regional residual -, obtém-se a expressão de Stilwell, a seguir:

$$CCT = CCG + CCEM + CCRR$$

$$CCT = Y_{ij}^0 h_{it} + [Y_{ij}^1 (\lambda_{it} - \lambda_{it}^0) - Y_{ij}^0 (b_{it} - b_{it}^0)] + \{Y_{ij}^0 (h_{ij} - h_{it}) - [Y_{ij}^1 (\lambda_{it} - \lambda_{it}^0) -$$

$$- Y_{ij}^0 (b_{it} - b_{it}^0)]\}. \quad (6)$$

$$CCT = \Delta Y_{ij} = Y_{ij}^0 h_{ij}$$

Na equação (6),

$$\lambda_{it} = (Y_{it}^0 / Y_{it}^1) - 1$$

, corresponde à taxa de crescimento do PIB na amplitude espacial ponderado pelo ano corrente;

$$\lambda_{it} = (Y_{it}^0 / Y_{it}^1) - 1$$

, corresponde à taxa de crescimento do valor do PIB no setor de atividade *i* na amplitude regional, ponderado pelo ano corrente.

A interpretação da componente de Crescimento Global (CCG) capta a influência do crescimento do PIB de Angola sobre os crescimentos dos PIBs de cada setor e região.

A Componente de Crescimento Estrutural Modificada (CCEM) representa a diferença entre a Componente de Crescimento Estrutural Revertida (CCER) e a CCE do modelo de Dunn, e serve para indicar a variação líquida resultante de haver uma diferença entre as estruturas das economias das regiões entre o ano corrente e o ano base. A CCR da formulação de Dunn foi subtraída pela CCEM, e obteve-se uma Componente de Crescimento Regional Residual (CCRR). Este cálculo é necessário, porque a variação na estrutura econômica (composição setorial) é apenas uma das muitas influências sobre a variação no desempenho econômico da região, exigindo-se calcular as influências residuais de natureza estritamente regional.

Assim, a versão de Dunn é modificada por Stilwell (1969) de forma que possa levar em conta as mudanças estruturais e os efeitos regionais através da variável base adotada (neste caso o PIB setorial e regional) no intervalo de tempo estudado. A interpretação dessa mudança é observada através dos sinais das respectivas componentes CCEM e CCRR e de suas participações percentuais sobre a Componente de Crescimento Total (CCT), segundo os seguintes procedimentos:

(1) Se o sinal da CCEM é positivo, a região modificou sua estrutura setorial de produção de forma a se especializar mais

nos setores de atividades cuja produção está crescendo mais rapidamente em relação ao nível nacional, e menos nos setores cuja produção esteja crescendo lentamente em nível nacional. Sendo o sinal negativo, ocorre o inverso.

(2) Se a CCRR é positiva significa que a região cresceu por mérito próprio, ou seja, ela é competitiva, sem precisar contar com modificações na especialização, significando que, a CCR é maior do que a CCEM. Sendo negativa, a CCR é menor do que a CCEM, significando que a influência regional não gera dinamismo.

O *shift-share* é um modelo que detecta a influência maior ou menor do crescimento global (amplitude espacial), estrutural (configuração setorial) e regional (atributos da amplitude local) para um dado setor em uma dada região (amplitude local). O seu objeto de estudo é o de avaliar elementos representados pelas três componentes no resultado total de cada amplitude local (CCT_{ij}), tratando-se, portanto de uma análise de natureza estritamente de desempenho regional e setorial. O modelo visa fazer diagnósticos de realidades regionais e setoriais sinalizando as causas, contudo, o seu alcance não visa explicar essas causas, cabe ao pesquisador conhecer a sua amplitude espacial, a composição setorial e a região em estudo, remetendo-o para um maior aprofundamento da pesquisa.

Análise dos Resultados

O propósito desse estudo é o de analisar a economia angolana a partir de 2002, tendo como referência o intervalo entre 2003 e 2007 no que tange a avaliação de indicadores do modelo *shift-share*. As questões que dão forma a análise dos resultados, perpassam por interpretações das componentes desse modelo, segundo as avaliações dos setores, Agricultura e Pesca, Indústria Extrativa, Indústria de Transformação, Energia e Água, Construção, Serviços Mercantis e Outras Atividades,⁷ distribuídos por cinco grandes mesorregiões de Angola - Luanda/Bengo, Norte, Centro/Leste, Centro/Oeste e Sul. Como subsídio para as análises das componentes do modelo, leva-se em conta o Quadro 5 que contém indicadores econômicos das províncias, a exemplo, de dados sobre o volume de negócios, rendimentos das províncias, participação das mesorregiões e províncias no PIB na-

cional e indicadores de desenvolvimento regional per-cápita das províncias. Esta análise apóia-se em informações sobre a economia do País e tem um caráter de diagnóstico no sentido de identificar sinais causadores do crescimento do PIB por setores e regiões. Enfatiza-se que este artigo trata de um estudo indicativo visando ter uma compreensão da realidade setorial e regional da economia angolana.

A análise das três componentes de crescimento do modelo *shift-share* - global (CGC), estrutural modificada (CCEM), e regional residual (CCRR) - que formam a componente total (CCT), mostra qual das componentes teve mais peso na taxa de crescimento do PIB em cada mesorregião de Angola. Os percentuais de cada uma das componentes apresentados no Quadro 4, revelam quanto cada componente explica o dinamismo em cada setor. Têm-se também neste quadro as despesas correntes do Governo que contibuíram para a interpretação da situação de cada mesorregião e setor de atividade. Dessa forma, através das análises dessas componentes fazem-se os devidos diagnósticos sobre os aspectos colocados na introdução. A Componente de Crescimento Global (CCG) representa o acréscimo que cada setor e mesorregião teriam se crescesse no período com a mesma taxa do PIB de Angola. Diante do fato do crescimento nacional do PIB ter sido positivo, verificam-se um efeito de alta em todas as mesorregiões e setores no tocante as correspondentes participações das componentes global nas Componentes de Crescimento Total (CCT).

Um breve panorama das mesorregiões e províncias contida no Quadro 5, possibilita-se verificar a importância de duas mesorregiões, Luanda/Bengo e Centro/Oeste, tendo como referência as províncias de Luanda e Benguela, respectivamente. Registram-se entre 2003 e 2007 a evolução de alguns indicadores as províncias de Cabinda, Zaire e Uige na mesorregião Norte; as províncias de Malange, Lunda Norte e Lunda Sul no Centro/Leste; as províncias de Kwanza Sul e Namibe no Centro/Oeste; e as províncias de Huíla e Cunene na mesorregião Sul.

Luanda/Bengo

Esta mesorregião é o centro econômico e político de Angola, não apenas por ser a capital do País como pelo fato de

7- O setor de "Energia e Água" não é analisado em face da indisponibilidade de dados na fonte consultada para as mesorregiões Norte, Centro/Leste e Sul.

QUADRO 4 - Participação das Despesas Correntes do Estado, Participação das Componentes de Decomposição das Taxas de Crescimentos do PIB (2003 - 2007), por Mesorregião e Grupo de Atividades Setoriais.

	GRUPOS DE ATIVIDADES SETORIAIS	Despesas Correntes do Estado*		Participação das Componentes em Relação a CCT			Valor CCT
		%		CCG	CCEM	CCRR	
		2003	2007	%			
Luanda/Bengo	Agricultura e Pesca			18,44	-0,57	-8,23	907
	Indústria Extrativa**			84,57	-10,12	-20,91	22426
	Indústria de Transformação	25,8	55,3	63,11	-29,10	-42,72	1234
	Construção			77,79	-35,64	-44,62	1306
	Serviços Mercantis			70,10	-17,76	-29,00	4883
	Outras Atividades			84,47	41,38	39,25	5519
Norte	Agricultura e Pesca			3,70	-0,10	-3,61	251
	Indústria Extrativa**	22,3	12,3	0,34	-0,05	0,15	34
	Indústria de Transformação			2,74	-1,16	-3,00	73
	Construção			1,71	-0,74	-1,42	36
	Serviços Mercantis			1,93	-0,42	-2,08	216
	Outras Atividades			1,30	0,60	0,43	94
Centro Leste	Agricultura e Pesca			4,06	-0,12	-2,56	226
	Indústria Extrativa**	16,3	8,6	-	-	-	-
	Indústria de Transformação			(8,00)	(-4,60)	(5,07)	-27
	Construção			0,99	-0,52	0,19	4
	Serviços Mercantis			(8,84)	(-2,77)	(6,18)	-6
	Outras Atividades			3,36	1,96	3,19	136
Centro Oeste	Agricultura e Pesca			71,90	-2,55	9,92	2063
	Indústria Extrativa**	26,4	18,1	15,09	-2,12	8,48	1057
	Indústria de Transformação			24,19	-11,94	-7,32	315
	Construção			17,95	-8,99	-1,21	153
	Serviços Mercantis			17,62	-4,77	-1,69	873
	Outras Atividades			10,22	5,30	6,25	590
Sul	Agricultura e Pesca			1,90	-0,07	1,07	26
	Indústria Extrativa**	9,3	5,7	-	-	-	-
	Indústria de Transformação			1,96	-1,03	0,14	13
	Construção			1,56	-0,82	0,34	6
	Serviços Mercantis			1,51	-0,44	0,44	38
	Outras Atividades			0,66	0,35	0,47	34

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nota: a) Os valores positivos entre parênteses são percentuais de Componentes (+) dividido por um valor da CCT negativa; b) Os valores negativos entre parênteses são percentuais de Componentes (-) dividido por um valor da CCT negativa; c) Os parênteses significam valores negativos e os sinais dentro dos parênteses os efetivos valores das Componentes que são divididas pela CCT negativa.

* Despesas correntes relativas do Orçamento Geral do Estado englobam remunerações de funcionários públicos, militares, custeio, transferências para empresas, famílias e subsídios a preços. (ROCHA, 2010, p. 65).

** O setor "Indústria Extrativa" foi calculado com base em uma Matriz de Informações constituída pelos seis setores de atividades e as mesorregiões de Luanda/Bengo, Norte e Centro/Oeste. Nas mesorregiões Centro/Leste e Sul, as componentes não foram calculadas em razão de inexistências de dados para o ano de 2007.

QUADRO 5 - Indicadores Econômicos por Mesorregião e Província da República de Angola

Mesorregiões e Províncias	Distribuição Regional do Volume de Negócios				Indicador Proxy de Rentabilidade de Empreendimentos das Províncias*		Participação das Mesorregiões e Províncias no PIB Nacional (%)		Indicador Proxy de Desenvolvimento Regional per capita das Províncias**	
	Volume de Negócios (Mil milhões de kz)		Estrutura Vertical dos Negócios por Mesorregião e Províncias (%)		2003	2007	2003	2007	2003	2007
	2003	2007	2003	2007	2003	2007	2003	2007	2003	2007
LUANDA/BENGO	3736,0	6075,8	67,77	75,20	-	-	69,51	75,13	-	-
Luanda	3728,6	6068,3	67,63	75,10	1,249	1,378	69,37	75,04	1,081	0,967
Bengo	7,4	7,5	0,13	0,09	0,095	0,069	0,14	0,09	0,014	0,021
NORTE	111,18	241,8	2,02	2,99	-	-	2,04	3,08	-	-
Cabinda	14,9	23,3	0,27	0,29	0,064	0,077	0,29	0,38	2,317	1,296
Zaire	16,8	15,4	0,30	0,19	0,229	0,160	0,31	0,19	1,632	0,057
Uige	78,8	201,0	1,43	2,49	0,600	0,972	1,43	2,49	2,400	3,354
Kwanza Norte	0,68	2,1	0,01	0,03	0,012	0,020	0,01	0,03	0,055	0,110
CENTRO/LESTE	499,4	269,2	9,06	3,33	-	-	7,35	3,33	-	-
Malange	343,7	172,8	6,23	2,14	4,750	0,973	5,45	2,14	3,586	6,023
Lunda Norte	51,5	42,3	0,93	0,52	0,260	0,173	0,01	0,52	0,017	1,328
Lunda Sul	94,9	39,6	1,72	0,49	2,332	0,460	1,73	0,49	1,870	2,785
Moxico	3,6	7,7	0,07	0,10	0,066	0,076	0,06	0,09	0,082	0,367
Kwando Kubango	5,7	6,8	0,10	0,08	0,147	0,127	0,10	0,09	0,133	0,476
CENTRO/OESTE	1084,7	1412,6	19,67	17,48	-	-	19,56	17,47	-	-
Kwanza Sul	72,9	252,3	1,32	3,12	0,234	0,576	1,28	3,12	0,443	1,026
Bié	25,5	30,3	0,46	0,38	0,306	0,236	0,47	0,37	0,120	0,143
Huambo	63,6	69,5	1,15	0,86	0,327	0,259	1,16	0,86	0,206	0,238
Benguela	913,7	982,6	16,57	12,16	2,007	1,440	16,48	12,15	2,664	2,658
Namibe	9,0	77,9	0,16	0,96	0,069	0,413	0,16	0,96	0,145	1,148
SUL	81,7	80,3	1,48	0,99	-	-	1,54	0,99	-	-
Huíla	57,5	53,7	1,04	0,66	0,201	0,151	1,09	0,66	1,477	2,133
Cunene	24,2	26,6	0,44	0,33	0,265	0,205	0,45	0,33	1,769	3,440
ANGOLA	5513,0	8079,9	100,00	100,00	-	-	100,00	100,00	-	-

Fonte: Rocha, (2010, p. 48 - 56).

Nota: Optou-se nas apresentações de dados de participação Nacional do "Volume de Negócios" e do PIB por mesorregião e província, como forma de checar a coerência dos dados.

* Rendimento de empreendimentos empresariais da província em sua mesorregião.

** Cálculo: PIB per-cápita da província / PIB per-cápita da mesorregião.

constar os melhores indicadores econômicos. No Quadro 4, verifica-se que ela tem se beneficiado com a maior participação dos gastos do governo em ambos os anos, além de ter se elevado os percentuais aplicados na mesorregião de 25,8% para 55,3% do orçamento do Estado, correspondendo a uma crescimento de 114%.

Os resultados da decomposição da taxa de crescimento do PIB para esta mesorregião revelam dinamismos em todos os setores, devendo-se a participação da influência do desempenho nacional em torno de 76,01% na média dos setores de atividades da indústria extrativa, de transformação, do setor de construção, de serviços mercantis e outras atividades; tendo um efeito mais fraco no setor de

agricultura e pesca com 18,44%. Apenas o setor "Outras Atividades" registrou componentes estrutural e regional dinâmicas, indicando que no período não só ocorreram mudanças na estrutura de atividades, com uma influência de 41,38% no impacto total, bem como com a participação positiva da componente regional de 39,25%, evidenciando-se o dinamismo no ambiente endógeno.

Para os setores - indústria extrativa, transformação, construção, e serviços mercantis - constatou-se a inexistência de dinamismo em seu crescimento quanto as suas estruturas setoriais e seus efeitos regionais, pois: 1) a Componente de Crescimento Estrutural Modificada (CCEM) acusou valores negativos, tendo registra-

8- O setor de "Agricultura e Pesca" igualmente tem componentes estrutural e regional negativas, contudo, registraram baixos valores de 0,57% e 8,23%, respectivamente.

do uma participação média de 23,16%, significando que o crescimento desses setores se deu com as mesmas estruturas produtivas; 2) a Componente de Crescimento Regional Residual (CCRR) com valores negativos nestes setores mais o de agricultura e pesca, acusou uma média de 29,10%, sinalizando ausência de aspectos estritamente endógeno quanto a mesorregião que seja determinante para o incremento de crescimento dos setores.⁸ Verifica-se nesta mesorregião que, excetuando-se o setor "Outras Atividades" o peso do dinamismo na região ficou restrita ao crescimento do PIB de nacional.

A mesorregião de Luanda/Bengo lidera de forma disparada na maioria dos indicadores (Quadro 5), tendo em volume de negócio uma participação nacional de 67,77% (2003) e 75,20% (2007). De forma coerente constata-se que a sua participação no PIB nacional é semelhante, pois participa com 69,51% (2003) e 75,13% (2007). Em termos de províncias, essas participações deve-se a capital, Luanda, com indicadores quase os mesmos da mesorregião, significando que a província de Bengo apesar de ser contígua a capital, não é beneficiada com economias externas de Luanda, sinalizando para uma província dormitório e que a grande atividade econômica da capital não reflete sinergias com a província de Bengo.

Quanto aos indicadores *proxys* de rentabilidade de empreendimentos e de desenvolvimento regional per-cápita, mostra-se uma grande assimetria intrarregional com grande vantagem comparativa voltada para Luanda, pois no que tange a rentabilidade registrou-se para esta Província, 1,249 em 2003 e 1,378 em 2007, tendo um crescimento de 10%, e, quanto ao grau de desenvolvimento per-cápita intrarregional, a capital participa com 1,081 em 2003 e 0,967 em 2007, constatando-se uma taxa de crescimento negativo de 10% que se deve a alta concentração populacional na capital. Os indicadores de Bengo são pífios quando confrontados com os de Luanda.

Norte

A mesorregião Norte apresentou uma queda de 45% na participação dos gastos públicos no intervalo, refletindo os percentuais de 22,3% e 12,3%, respectivamente, em 2003 e 2007. Deduz-se que esta mesorregião não caracterizou-se

como prioritária na alocação de recursos do orçamento do Estado.

Dentre as componentes obtidas através do modelo *shift-share* registra-se a influência do crescimento do PIB de Angola nos dinamismos de todos os setores de atividades, como reflexo da Componente de Crescimento Global (CCG) que acusou uma média dos setores de 1,95%. Observa-se que esta influência é bastante pequena, o que revela uma baixa sinergia dessa mesorregião com a economia nacional. O setor "Outras Atividades" registrou dinamismo nas componentes estrutural e regional, sinalizando para alguma mudança na composição de suas atividades e em algum ambiente endógeno favorável, no que pese as suas participações no efeito total terem sido baixas, com 0,60% na CCEM e 0,43% na CCRR.

A indústria extrativa registrou em sua estrutura um não dinamismo dado que Componente de Crescimento Estrutural Modificada (CCEM) registrou uma participação negativa na Componente de Crescimento Total (CCT) de 0,05%. Aspectos de natureza endógena teve alguma influência para gerar dinamismo em razão da Componente de Crescimento Residual Regional (CCRR) ter se apresentado com uma participação positiva de 0,15%. Os outros setores computaram participações negativas que indica a inexistência de dinamismo nesta região no que tange as influências estrutural ou regional. Apesar de baixas participações no efeito total, podemos afirmar que o fator preponderante no dinamismo da mesorregião é a taxa de crescimento do PIB do País.

Em termos de indicadores econômicos constantes no Quadro 5, constatam-se que no período em estudo os resultados foram relativamente irrelevantes, pois registraram-se uma participação nacional no volume de negócios de 2,02% (2003) e 2,99% (2007), mantendo-se praticamente estacionado, apesar de ter tido uma leve alta na participação do PIB de Angola, com 2,04% (2003) e 3,08% (2007). Em termos de províncias, observam-se as relações per-cápitas entre os PIBs da província e do País com os indicadores em queda de 2,317 (2003) e 1,296 (2007) em Cabinda e 1,632 (2003) e 0,057 (2007) no Zaire que, em conjunto com o baixo desempenho nos negócios demonstra um possível movimento de emigração. O melhor desempenho ocorre em Uíge que acusa uma participação nos volumes de negócios de 1,43% (2003) e 2,49% (2007) e com indicadores de desenvolvimen-

to regional per-cápita em crescimento de 2,400 e 3,354 para os anos de 2003 e 2007, respectivamente. Em Kwanza Norte seus indicadores registraram valores relativamente muito baixos.

Centro/Leste

O Centro/Leste acusou uma redução significativa em relação à aplicação orçamentária dos recursos governamentais de Angola, pois nos anos de 2003 e 2007, têm-se respectivamente 16,3% e 8,6%, representando uma diminuição de 47%. Nota-se um certo esvaziamento nesta variável no que concerne a mesorregião.

Nessa mesorregião os setores de atividades “Agricultura e Pesca”, “Construção” e “Outras Atividades” computaram valores positivos em suas Componentes de Crescimento Total (CCT). Desses três setores apenas “Outras Atividades” ratifica o dinamismo através das três componentes que influenciaram com as participações de 3,36%, 1,96% e 3,19%, nas respectivas componentes global, estrutural e regional. O setor de “Construção” vincula o seu dinamismo ao desempenho do PIB nacional e a fatores de natureza local, segundo as participações de 0,99% e 0,19% para as componentes global e regional, respectivamente. E no setor de “Agricultura e Pesca”, apenas a Componente de Crescimento Global (CCG) se responsabilizou pelo dinamismo com uma participação de 4,06%. Já os setores da “Indústria de Transformação” e de “Serviços Mercantis”, com as suas componentes totais negativas sinalizam para os seus não dinamismos provocados pelas suas componentes estruturais, que suplantaram os efeitos positivos das componentes global e regional.

Na mesorregião Centro/Leste, observou-se uma queda significativa no período de 9,06% (2003) para 3,33% (2007) na participação nacional dos negócios, correspondendo a também redução de 7,35% (2003) para 3,33% (2007) na participação do PIB de Angola. Este recuo ocorreu em todas as suas províncias, com ênfase: em Malange com queda de 6,23% em 2003 para 2,14% em 2007 quanto aos negócios e de 5,45% em 2003 para de 2,14% em 2007 no que tange a participação no PIB nacional; e Lunda Sul que registrou redução nos negócios de 1,72% (2003) para 0,49% (2007) e em sua participação

no PIB do País de 1,73% (2003) e 0,49% (2007). Ressaltam-se que as melhorias de alta nos indicadores de desenvolvimento regional per-cápita em boa parte das províncias, nem sempre é um resultado positivo, pois em sua maioria deveu-se a processo de emigração dessas regiões no sentido das províncias litorâneas e, em especial, Luanda que seu indicador se reduziu no período de 1,081 em 2003 para 0,967 em 2007.

Centro/Oeste

Nesta mesorregião observa-se uma diminuição das despesas correntes do Estado de 31%, correspondendo as participações orçamentárias do País em 26,4% (2003) e 18,1% (2007). Trata-se da mesorregião de menor recuo de gastos públicos nacionais.

Com base na decomposição do crescimento do PIB por mesorregião e setores de atividades, constatam-se através da Componente de Crescimento Total (CCT) dinamismos em todos os setores que estão distribuídos em três grupos de efeitos: um primeiro envolve as atividades de agricultura e pesca e indústria extrativa, dado que se mostram dinâmicos com participações no setor de agricultura e pesca, quanto a componente global com 71,90% e da componente regional com 9,92%, e, com participações na indústria extrativa de 15,09% e 8,48% das componentes global e regional, respectivamente, suplantando a componente estrutural de ambos os setores de atividades; um segundo grupo inclui os setores da indústria de transformação, construção e serviços mercantis em que os seus dinamismos devem-se ao efeito do desempenho do PIB nacional, pois em média a componente global registrou 19,92% que neutraliza os efeitos negativos das componentes estrutural e regional; e um terceiro grupo, composto do setor outras atividades que registrou dinamismo nas três componentes – global, estrutural e regional – com as suas respectivas participações de 10,22%, 5,30% e 6,25% no efeito total.

A mesorregião Centro/Oeste sendo a segunda em qualidade de indicadores econômicos, apresenta uma participação nacional em negócios com 19,67% (2003) e 17,48% (2007), que apesar de ter crescido em volume de negócios de 1084,7 kz para 1412,6kz, a sua participação nacional se reduziu, indicando a presença de



forças centrífugas em relação a mesorregião. Igualmente se verifica quanto a sua participação no PIB do País, dado que participa com 19,56% (2003) e 17,47% (2007). No tocante as províncias, essas participações são creditadas a Benguela com 16,57% (2003) e 12,16% (2007), representando um alta concentração econômica, pois nas demais províncias dessa mesorregião as participações são muito distantes. Observa-se que em todas as províncias há crescimento em valores absolutos de negócios e, em termos de participações no nacional com excessão de Kwanza Sul e Namibe que cresceram, as participações das demais províncias registraram quedas.

Em relação às *proxys* de rentabilidade e de desenvolvimento regional per-cápita, existe também alta assimetria em relação a Benguela no interior da mesorregião, pois a rentabilidade desta província foi de 2,007 (2003) e 1,440 (2007) contra índices abaixo de 1,000 para as outras províncias; e quanto ao indicador de desenvolvimento regional per-cápita, observou-se para Benguela, 2,664 (2003) e 2,658 (2007), registrando-se valores menores para as demais províncias, ressaltando-se altas no intervalo em Kwanza Sul e Namibe com crescimento de 132% e 692%, respectivamente, sinalizando o crescimento nas participações no volume de negócios.

Sul

A mesorregião Sul apresentou uma queda nas despesas correntes do governo em torno de 45%, refletindo os percentuais de 9,3% (2003) e 5,7% (2007). Significando como nas demais mesorregiões, exceto a de Luanda/Bengo, que a atenção de gastos públicos não tem sido prioritária também para essa mesorregião.

Os resultados das componentes mostram que na mesorregião Sul, o seu dinamismo tem sido consequência do efeito do crescimento do País e também de fatores endógenos, especialmente, em relação aos setores de atividades da agricultura e pesca, indústria de transformação, construção e de serviços mercantis. Isto se deveu as participações médias desses setores na componente total em 1,73% e 0,50% para as componentes global e regional, respectivamente. O setor de “Outras Atividades” registrou dinamismo em todas as componentes, segundo as participações

na Componente de Crescimento Total (CCT) de 0,66%, 0,35% e 0,47%, para as componentes global, estrutural e regional, respectivamente.

Com base no Quadro 5, esta mesorregião constituída de duas províncias – Huila e Cunene – tem baixo desempenho nos indicadores econômicos. No tocante a sua participação em volume de negócios nacional computou-se 1,48% (2003) e 0,99 (2007) representando uma queda de 33%. Mantendo-se participações similares em termos de PIB, pois foram registrados 1,54% e 0,99% para os respectivos anos de 2003 e 2007. Com relação aos indicadores de rendimentos de empreendimentos e de participações quanto aos PIBs per-cápita das duas províncias, têm-se para a *proxy* de rendimento valores baixos de 0,201 (2003) e 0,151 (2007) em Huila e de 0,265 (2003) e 0,205 (2007) e Cunene, e, para a *proxy* de desenvolvimento regional per-cápita têm-se em Huila, 1,477 para 2003 e 2,133 para 2007 e para Cunene, 1,769 em 2003 e 3,440 em 2007.

Conclusões

Este artigo fez um estudo com base na aplicação do modelo *shift and share analysis* para cada uma das mesorregiões de Angola – Luanda/Bengo, Norte, Centro/Leste, Centro/Oeste e Sul -, no qual se analisaram as seguintes atividades setoriais: Agricultura e Pesca, Indústria Extrativa, Indústria de Transformação, Construção, Serviços Mercantis e Outras Atividades.

Foram apresentadas algumas variáveis de natureza macroeconômica, regional e setorial, visando contextualizar e subsidiar esse estudo. Observou-se um breve panorama sobre as variáveis de comércio, reservas internacionais, e do crescimento do PIB relativos à década de 2000. Após a delimitação regional de Angola, fez-se uma leitura do número de empresas relativizando-se quanto à estrutura setorial, com destaques para os setores de atividades: “Indústria de Transformação” e de “Serviços Mercantis” em todas as mesorregiões, contudo, com presença maior nas regiões litorâneas, a exemplo, de Luanda, Kwanza Sul e Benguela; e da “Agricultura e Pesca” no Centro/Leste e concentrada principalmente no Centro/Oeste. Já em relação ao setor “extração de minérios”, produto de grande expressão na geração de divisas tem baixa presença em ternos

de números de empreendimentos. Fez-se também uma análise da estrutura regional, permitindo-se avaliar as assimetrias entre as mesorregiões no que tange a localização do número de estabelecimentos empresariais. Verificou-se a hegemonia da mesorregião de Luanda/Bengo com concentração de mais da metade das empresas do País, seguido da mesorregião do Centro/Oeste com participação em torno de 20%, ficando as outras três mesorregiões – Norte, Centro/Leste e Sul – com participações abaixo de 10% em termos nacionais.

Apresentou-se também, como apoio a análise dos resultados das componentes do modelo *shift-share*, dados envolvendo as participações nos negócios e no produto interno, indicadores de rentabilidade empresarial e de desenvolvimento regional per-cápita, e distribuição de gastos correntes do Governo. Essas variáveis mostram claramente a concentração dos melhores índices de aproveitamento na faixa litorânea, especialmente, na mesorregião de Luanda/Bengo acompanhada com certa distância o Centro/Oeste. Em termos de províncias, os maiores destaque foram Luanda e Benguela, as quais têm altas vantagens comparativas em relação às demais províncias de suas correspondentes mesorregiões.

A identificação dos perfis de crescimento dos PIBs de cada setor e mesorregião através de suas decomposições de efeitos da taxa de crescimento nacional, de aspectos estruturais e regionais; permitiu apreender alguns indicativos de leitura sobre a economia angolana no âmbito de seu processo de reconstrução de suas instituições políticas, econômica e social. Dessa forma, enquadram-se nas deduções interpretativas deste artigo, os aspectos relativos ao desempenho do PIB de Angola, das estruturas de produção e de influências endógenas de cada mesorregião, os quais possibilita avaliar o dinamismo setorial e a questão da integração regional.

Esses aspectos estando relacionados com as questões descritas na introdução deste artigo, os mesmos são analisados através dos resultados da aplicação do modelo *shift-share*. Constatou-se que em todas as mesorregiões e setores de atividades predomina a influência do desempenho no crescimento da economia nacional, tendo maior peso nas mesorregiões de Luanda/Bengo e Centro/Oeste. Apenas o setor denominado “Outras Atividades”, compartilha essa influência com um indicativo de dinamismo e mudança

na estrutura de produção setorial e com a competitividade regional em todas as mesorregiões. Os resultados mostram a inexistência de dinamismo e de mudança estrutural em todos os demais setores e mesorregiões, destacando-se os efeitos endógenos dinâmicos da “Indústria Extrativa” na mesorregião Norte e Centro/Oeste, o setor de “Agricultura e Pesca” no Centro/Oeste, Centro/Leste e Sul, e os setores da “Indústria de Transformação”, “Construção” e de “Serviços Mercantis” na mesorregião Sul.

Este resultado evidencia a relevância do crescimento do PIB nacional como catalisador de todas as mesorregiões e setores de atividades, enfatizando que Luanda/Bengo e Centro/Oeste, especialmente, a primeira é efetivamente a responsável pelo dinamismo da economia angolana em todos os setores e mesorregiões. Dessa forma, é factível deduzir que o estágio e estratégia atual de desenvolvimento econômico de Angola envolve a atenção para a faixa litorânea, tendo as províncias de Luanda e Benguela como referência para a difusão do desenvolvimento do País. Diante dessas interpretações, conclui-se que os dinamismos setoriais das atividades analisadas foram provocados pelas mesorregiões de Luanda/Bengo e Centro/Oeste, especialmente, pelas províncias de Luanda e Benguela, respectivamente. Quanto à integração econômica regional, deduz-se que o atual estágio da economia de Angola não permite identificar algum tipo de integração, seja autônoma, solidária ou solitária, contudo, percebe-se algumas iniciativas, a exemplo, de investimentos em rodovias e de outros equipamentos de infraestrutura, tal que possa caminhar para alguma forma de integração inter-regional que se enquadra na modalidade solidária.

Enfatiza-se que este artigo teve o propósito de fazer um estudo de diagnóstico de aspectos da economia angolana, visando contribuir para um debate sobre os caminhos e estratégias de desenvolvimento regional a ser pensado para Angola.

Referências Bibliográficas

- ANGOLA. Embassy of the Republic of Angola. Disponível em http://www.angola.or.jp/index.php/about_angola/economy. Acesso em 15/07/2013
- ARCELUS, Francisco J. An Extension of Shift-Share Analysis. **Growth and Change**. USA, v. 115 p. 3-8, 1984.
- DUNN JR., Edgar S. Une Technique et Analytique d'Analyse Régionale: Description et Projection. **Economie Appliquée**. Paris, v. 12, n. 4, p. 521 – 530, oct., 1959.
- DUNN JR., Edgar S. A Statistical and Analytical Technique for Regional Analysis. **Papers and Proceedings of the Regional Science Association**. USA, v. 6, p. 97 – 112, 1960.
- ESTEBAN-MAQUILLAS, J. M. Shift and Share Análisis Revisited. **Regional and Urban Economics**. North-Holland, v. 2, n. 3, p. 249-261, Oct., 1972.
- FERNÁNDEZ, M. M.; MENÉNDEZ, A. J. L.. Spatial shift-share analysis: new developments and some findings for the Spanish case. IN: CONGRESS OF THE EUROPEAN REGIONAL SCIENCE ASSOCIATION, 45, 2005. **Anais...** Disponível em <http://www-sre.wu-wien.ac.at/ersa/ersa-confs/ersa05/papers/659.pdf>. Acesso em 20 jan. 2014
- HARRIS, T., C.; GILLBERG, R. NARAYANAN, J. **Shonkwiler, and D. Lambert. A Dynamic Shift-Share Analysis of the Nevada Economy**. Nevada: University of Nevada-Reno, 2004. Technical Report UCED 94-06
- HAYNES, Kingsley E.; MACHUNDA, Zachary B. Considerations in Extending Shift-Share Analysis: Note. **Growth and Change**, USA, v. 18, n.2, p.69-72, 1987.
- HADDAD, P. R.; ANDRADE, T. A. Método de análise diferencial-estrutural. In: HADDAD, P.R. (Org.). **Economia regional: teorias e métodos de análise**. Fortaleza: BNB; ETENE, 1989. p. 249-286. (Estudos Econômicos e Sociais, 36).
- NAZARA, S.; HEWINGS, G. Spatial Structure and Taxonomy of Decomposition in Shift-Share Analysis. **Growth and Change**, v. 35 p. 4, p.476- 490, 2004.
- ROCHA, Manuel José Alves da. **Desigualdades e assimetrias regionais em Angola** – os factores de competitividade territorial. Luanda: Centro de Estudos e Investigação Científica / Universidade Católica de Angola, 2010.
- ROSENFELD, F. Commentaire à l'exposé de M. E. S. Dunn sur une méthode statistique et analytique d'analyse régionale. Presentation mathématique de la method. **Economie Appliquée**. Paris, v. 12, n. 4, p. 531- 34, oct.,1959.
- SAKASHITA, N. An axiomatic approach to Shift and Share Analysis. **Regional and Urban Economics**, North-Holland, v. 3, n. 3, p. 263-271, Aug. 1973.
- STILWELL, F.J.B. Regional Growth and Structural Adaption. **Urban Studies**. Glasgow, v. 8, n.6, p.162-78, nov., 1969.
- STILWELL, F.J.B. Further Thoughts on the Shift and Share Approach. **Regional Studies**, v.4, n.4, p.451-458,1970.